



GT 017. Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Barbosa, Osório Sarandy (UFF) - Coordenador/a, Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA) - Coordenador/a

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal real?; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tráfico, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislativas, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

A Leishmaniose Visceral e a saúde única

Autoria: Adriana Leal Abreu

A Leishmaniose Visceral é considerada pela OMS a 6ª zoonose em grau de importância por sua amplitude de acometimentos e crescimento de números de casos em nível mundial. Cerca de 300.000 novos casos em âmbito mundial ao ano, conforme WHO (2012) e mesmo assim inexiste políticas públicas brasileiras para contenção da doença. No estado do Rio Grande do Sul, onde os casos iniciaram a partir de 2010, nem o diagnóstico da doença nem seu tratamento são seguramente conhecidos. No âmbito do que se designa como saúde única pela OMS, que é o tratamento conjunto e em políticas públicas inter-relacionadas de saúde humana, saúde animal e meio ambiente, o estado do Rio Grande do Sul não possui evidências que estas práticas ocorram. Existem alguns municípios como o caso de Canoas, Porto Alegre até o ano de 2017 e Viamão, por exemplo, que possuem ações isoladas de educação ambiental em parceria com escolas municipais, programas de castrações e contenção de população de animais em situação de rua, e distribuição de coleiras repelentes, além de escassas ações de governo e não estão inseridas em práticas institucionais de longo prazo, como estratégias de saúde coletiva. Segundo Oliveira, Moretti-Pires, Parente (2011), a Estratégia de Saúde da Família serviu para fortalecimento da Atenção Primária e descentralização das responsabilidades nas três esferas, objetivando alcançar maior efetividade, eficiência e qualidade das respostas aos usuários. Esperava-se também que com as equipes multidisciplinares, e com o ingresso de várias especialidades na composição destas equipes, os works preventivos e de contenção de zoonoses e outras enfermidades pudessem se intensificar. Entretanto, quando analisadas via sistema DataSUS a composição das Equipes de Saúde da Família existentes no estado do Rio Grande do Sul, sobretudo no município de Porto Alegre, não se observou a interdisciplinaridade requerida pela ideologia de saúde única. Em 2011, por meio de portaria as ESFs foram encorajadas a compor seus quadros com médicos veterinários, para que a prevenção no local de habitação das famílias pudesse ser efetiva. Observou-se a completa inexistência destas especialidades no município de Porto Alegre, sendo este escolhido por registrar casos de morte por Leishmaniose Visceral de acometidos humanos, totalizando 6 vítimas desde a primeira notificação em 2011 até o ano de 2018, mais precisamente janeiro deste ano. Com este estudo preliminar pode-se



concluir que práticas de prevenção e controle da doença ainda estão muito aquém das necessidades. Visualizou-se também que mesmo que o município de Porto Alegre tenha, mesmo que pouca, mas alguma ação de prevenção, os municípios da Região Metropolitana não agem na prevenção da doença nem em humanos, nem em animais.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

